

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
AVA GARDNER, CYD CHARISSE, JUDY GARLAND – FATAL JUSTEZA
19 de Fevereiro de 2022

ON THE BEACH / 1959

(A Hora Final)

um filme de Stanley Kramer

Realização: Stanley Kramer / **Argumento:** John Paxton e James Lee Barrett, baseado numa novela de Nevil Shute / **Fotografia:** Giuseppe Rotunno / **Montagem:** Frederic Knudtson / **Efeitos Especiais:** Lee Zavitz / **Intérpretes:** Gregory Peck (Dwight Towers), AVA GARDNER (Moir Davidson), Fred Astaire (Julian Oborn), Anthony Perkins (Peter Holmes), Donna Anderson (Mary Holmes), John Tate (Almirante Bridie), Lola Brooks (Tenente Hosgood).

Produção: United Artists / **Produtor:** Stanley Kramer / **Cópia:** 35mm, preto e branco, legendada electronicamente em português, 134 minutos / **Estreia Mundial:** EUA, a 17 de Dezembro de 1959 / **Estreia em Portugal:** S. Jorge, a 29 de Dezembro de 1960.

Aviso: A cópia que vamos exhibir – uma cópia tirada à época da estreia do filme – apresenta alguns sinais de desgaste, nomeadamente de encolhimento, pelo que pode, ao ser projectada, ter, momentaneamente alguns problemas de desgaste. No entanto, a qualidade e luminosidade da imagem justifica, no nosso entender, a sua exibição em detrimento de qualquer outro ficheiro digital disponível.

“Encontrámos o inimigo e o inimigo somos nós.” A mensagem de Stanley Kramer em **On the Beach**, contrariando assim tantas “visões” do perigo vindo do espaço propaladas pela “ficção científica” dos anos 50, e repetindo o que, muito à margem de Hollywood, Arch Oboler dera à imagem no belíssimo **Five**, era a da ponderação dos actos humanos, em particular a condução da crise mundial no campo político-militar, pondo preto no branco o que toda uma geração de filmes dizia nas entrelinhas.

A estratégia de **On the Beach** exemplifica adequadamente o método de Stanley Kramer. Foi uma espécie de herói dos anos 50, com a produção de filmes de baixo orçamento que eram quase sempre “succès d’estime” e que lhe dariam uma reputação, infelizmente longe de ser igualada quando passou também à realização. A partir de 1955, de resto, Kramer iria subir progressivamente as somas dos orçamentos e recorrer cada vez mais aos elencos recheados de actores que garantiam boas carreiras comerciais. Se Andrew Sarris, no seu “The American Cinema” ainda lhe dá o benefício, não da dúvida, mas dos bons sentimentos, dizendo que se ele não existisse deveria ser inventado como o exemplo maior do cinema de tese, já David Thompson (“A Biographical Dictionary of Film”) não hesita em escrever que “Há poucos filmes tão profundamente depressivos como **On the Beach** e **Judgement of Nuremberg**, porque as suas visões do apocalipse são tão ofuscantes como o holofote para um coelho”.

Pela humilde parte que me toca, não considero possuir elementos bastantes para aferir as boas intenções de Stanley Kramer em **On the Beach**. Parto, por conseguinte, da melhor das hipóteses: Kramer teria realizado o filme para responder honestamente às preocupações que afligiam os seus compatriotas.

Também ninguém pode duvidar da frontalidade com que o tema do holocausto atómico é tratado. Resumindo: houve uma guerra atómica, entre russos e americanos (e o filme não toma nenhuma posição quanto às causas do conflito, nem sequer menciona quem tenha sido o “primeiro”), que destruiu a vida em todo o hemisfério norte do nosso planeta. A acção decorre na Austrália onde estão os sobreviventes, ameaçados embora pela aproximação das ondas de radioactividade. Aos

sobreviventes é distribuída uma dose de veneno que permitirá a cada um abreviar o sofrimento quando as radiações os atingirem.

A prova de que **On the Beach** tocava o alvo, pode ler-se nas reacções polémicas que ao tempo levantou. O crítico da "Films & Filming" aconselhava a exibição não-comercial, com aviso às pessoas impressionáveis para não verem o filme. O editorial do "New York Daily News" considerava o filme alinhado pelo Kremlin e um sinal verde para a escravização da raça humana ao Comunismo, com maiúscula. O editorial do "New York Times" achava a mensagem de **On the Beach** relevante, cheia de significado e um sério aviso a "todos nós". Por fim, enquanto os homens da Defesa Civil não deixavam de mostrar o seu escândalo, dado que salvar as populações dos efeitos da Guerra Nuclear "não só era possível como relativamente simples", já em meios responsáveis havia quem dissesse que talvez um dia pudéssemos olhar para trás e dizer que **On the Beach** fôra o filme que salvara o mundo.

Resumo da situação:

- 1) É óbvio que a polémica gerada por **On the Beach** não tem literalmente nada que ver com o valor intrínseco que o filme possa ter, acabando por anexá-lo a um dossier cuja importância, julgo, ninguém ousa beliscar, mas que o cinema, a literatura, a música ou a pintura, nunca resolverão.
- 2) Na sua habitual formulação prática o "Variety" dava melhor do que ninguém o retrato do problema. "Afigura-se que os comentários, sejam pró ou contra, representam dinheiro no Banco para a United Artists e Kramer".

Quando se viu um filme como **Five** de Arch Oboler, tão modesto e sincero nos seus propósitos de enunciação de um problema, é muito difícil não se perceber a armadilha - nascida porventura contra a vontade do próprio Kramer - de um filme como **On the Beach**, por um lado tão filantrópico na mensagem, por outro tão calculista nos seus efeitos, desde a escolha do "best-seller" de Nevil Shute para o argumento, até à escolha milimétrica dos actores com especial dedinho na do providencialmente patológico Anthony Perkins que ainda não fora o Norman Bates de Hitchcock, nem o Joseph K. de Orson Welles. AVA GARDNER trazia ainda ao filme os restos do que fora "o mais belo animal do mundo", para fazer um papel que não deve andar longe dos que lhe cabiam na "vida real". Era ainda quanto bastava para, em tempos de holocausto, pôr os restos da marinha em sentido, numa cena de antologia, a única no filme, aliás, que "explica" o milagre de AVA GARDNER. Havia ainda o "evergreen Gregory Peck" e um Fred Astaire que, por não poder dançar, esconde o corpo no banco de um Ferrari.

Se excluirmos a já citada cena com AVA GARDNER, só consigo vislumbrar em todo o **On the Beach** uma verdadeira ideia cinematográfica. O submarino de Peck começa a receber uma mensagem em morse, vinda de San Diego, na Califórnia, o que parece sugerir a possibilidade de haver sobreviventes. Partem e na sequência em que um marinheiro - a quem o fato de protecção faz parecer um astronauta - atravessa San Diego até encontrar o que eu não digo para não vos tirar o sabor da única surpresa. **On the Beach** parece ganhar uma alma própria, sem os diálogos pretensiosos que o dominam, mostrando, por fim, uma inspiração visual admirável, bem acima da retórica estilística da sequência pré-genérico no submarino, ou da "citação" do *travelling* circular do beijo de **Vertigo**, repetido agora num de Peck e GARDNER. Mesmo um momento como o do "pic-nic" no rio, com as personagens cantando "Waltzing Mathilda", perde em densidade quando Kramer insiste num descontrolado prolongamento do tema.

Dir-se-á que são questões de gosto, mas voltando ao paralelo entre o final de **Five** e o de **On the Beach**, com o aparato do histórico suicídio colectivo sublinhado pelo letreiro propagandístico "There is still time, Brother", não hesito em escolher, até mesmo se quisermos falar de perspectivas pessimistas, o de **Five**, remetendo-nos para o Genesis, com o novo Adão e Eva. Poderá até ser uma escolha ditada por razões estéticas - no **On the Beach** tudo ressuma um ambiente típico do Salvation Army francamente repugnante - mas a verdade é que, mesmo em ciência, e sobretudo depois de Einstein, as razões da estética podem muito.